



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

**LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**Ser “Boy-boy” em Maputo: vida na cidade, trajectórias e experiências dos  
estudantes da UEM residentes no bairro Polana-Caniço**

**Candidato:** Januário Manuel Sarcuchepa

**Supervisor:** Elísio Manuel Fernando Jossias

Maputo, Dezembro de 2021

# **Ser “Boy-boy” em Maputo: vida na cidade, trajectórias e experiências dos estudantes da UEM residentes no bairro Polana-Caniço**

Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na modalidade de projecto de pesquisa ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia.

**O candidato:** Januário Manuel Sarcuchepa

---

O supervisor

---

Elísio Jossias

O presidente

---

Hélder Nhamaze

O oponente

---

Sónia Seúane

## **Declaração de honra**

Eu, Januário Manuel Sarcuchepa, declaro por minha honra, que este projecto de pesquisa nunca foi apresentado, na sua essência por nenhum outro estudante para a obtenção de qualquer grau académico. O mesmo é resultado de minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

Januário Manuel Sarcuchepa

---

Maputo, Dezembro de 2021

## Dedicatória

*Aos meus pais, Manuel Sarcuchepa e Antônia Fernando Roce.*

## **Agradecimentos**

Agradecer é uma forma de reconhecimento. Agradeço ao meu supervisor Elísio Jossias, pela inteira disponibilidade em supervisionar o meu trabalho, pelas críticas e sugestões que serviram para este trabalho seja uma realidade. A todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane. Agradeço em especial a Professora Margarida Paulo pelo apoio incansável por me ajudar nas várias experiências que eu tive ao longo do curso.

Agradeço aos meus progenitores, meu pai Manuel Sarcuchepa e a minha mãe Antônia Fernando Roce, em seguida agradeço aos meus colegas de turma de Antropologia 2017, a Marciana Machaieie, Lazaro Niquisse, Lucrécia Huo, Etiio Muchanga, Inocêncio Chovela, Luisa Vicente, Ernesto Manjaze, Jessica Tivane, Edna Uamusse, Eunicia Sambo, Sheilagh Jemusse, Nuceiba Abubagar, Julio Cossa, Mauline Vilanculo. Agradeço também aos meus amigos da residência universitária.

Agradeço aos informantes que participaram na presente, que incondicionalmente que partilharam suas experiências que permitiram o trabalho possível.

Por fim agradeço a todos aqueles que me ajudaram directa e indirectamente.

O meu Muito obrigado!

## **Glossário**

**Bolada:** termo usado no contexto de pesquisa para referir negócios informais como venda de (sapatos, bolos, sandálias, chinelos e brincos). Também é usado para referir a prestação de pequenos serviços como (lavagem de viatura, electricista, mecânica e canalização).

**Boy-boy:** termo usado no contexto de pesquisa para referir homem que é homem, desafiador, ariscador, um faz-tudo e aquele que usa a tática, manipulador e mentiroso. Contudo, além desses significados, o termo “boy-boy” representa jovem iniciativa individual ou de conta própria.

**Costas quentes:** termo usado no contexto para referir os meios pelos quais recorrem para conseguem um determinado fim. As costas quentes são (família, amigos e o dinheiro).

**Ways:** Palavra usada no contexto para referir caminhos que eles utilizam para conseguir seus negócios, emprego. São as amizades que eles constroem no seu dia-a-dia.

**Tchitique:** termo usado para referir poupança de dinheiro.

**Txilar:** termo usado para referir convívio entre amigos num restaurante ou num bar.

**Txunei:** o termo usado para referir o acto de fazer, consturar chinelos ou sandálias.

**Phandar:** termo usado para referir desafiar a vida

## **Lista de Abreviatura**

COVID-19	Corona vírus Disease
DSS	Direção Dos Serviços Sociais
INE	Instituto Nacional de Estatística
IESE	Instituto dos Estudos Sociais e Económicos
FPLM	Forças populares de libertação de Moçambique
2M	Mac-Mahon
MP	Ministério Público
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
R9	Residência Universitária Estudantil número 9
R10	Residência Universitária Estudantil número 10
RUE	Residência Universitária Estudantil

**Resumo**

O presente trabalho resulta de uma pesquisa etnográfica realizada entre os estudantes e graduados da UEM, que após concluir o seu curso vão residir no bairro da Polana Caniço “A” também conhecido por R10 que significa residência universitária número 10. O trabalho de campo consistiu no seguimento de trajectórias diárias dos estudantes e graduados, observação participante, entrevistas semi-estruturadas, conversas informais e em grupos focais.

Analiso as dinâmicas locais e as suas identidades nestes espaços urbanos, não só, mas também as actividades que os mesmos se desenvolvem durante o tempo de espera, que acaba se transformando na fase de chegada. A pesquisa permitiu concluir que durante esta fase prolongada de espera por um emprego, eles acabam se transformando em “boy-boy”, que é o exercício de actividades que lhes permite desenhar outras lógicas de vida, leituras do social e outros estilos de vida através dessas práticas diárias.

**Palavras-chave:** Cidade de Maputo, Polana Caniço “A”, estudantes e graduados da UEM, Boy-Boy.

## Índice

Declaração de honra.....	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos .....	iv
Glossário .....	v
Lista de Abreviatura.....	vi
Resumo .....	vii
1. Introdução .....	1
Capítulo 2. Metodologia .....	4
2.1. Observação Participante.....	4
2.2. Conversas informais.....	5
2.3. Grupos focais .....	6
2.4. Entrevistas semiestruturadas .....	7
2.5. O contexto de pesquisa .....	8
2.6. Constrangimentos durante a pesquisa .....	9
Capítulo 3. Da residência Universitária ao bairro Polana Caniço.....	10
Capítulo 4. Ser “Boy-boy” no bairro Polana-Caniço .....	13
4.1. Origem e significado de ser “Boy-Boy” .....	13
4.2. “Boy-Boy”: lugar de espera ou de chegada?.....	15
Conclusão.....	19
Referências bibliográficas.....	22

## 1. Introdução

Quando nós terminamos estudos viemos morar aqui no bairro da Polana Caniço, enquanto esperamos pelo emprego fazemos outras actividades de conta própria (...) O emprego que nunca chega, As boladas são as nossas principais actividade enquanto o emprego não temos.

Agora já não existe emprego, o que existe são as boladas, agora procuramos oportunidades de boladas não de emprego (...) A fase de espera já passou, esta fase já é de chegada, porque desde que nós só estamos a ver o que vivemos no nosso dia-a-dia que são as boladas e prestação de pequenos serviços, essa é a nossa realidade que vivemos.

O bairro da Polana Caniço “A”, na Cidade de Maputo, tem sido o local de acolhimento de estudantes e graduados da Universidade Eduardo Mondlane, uns porque perdem o direito de ocupar as residências universitárias e outros que não conseguem espaço nas residências. Os estudantes perdem o direito de ocupar o quarto nas residências universitárias quando perdem a sua bolsa de estudos, quando termina o prazo de ocupar uma cama nas residências e quando graduam. Outra categoria, é composta por estudantes que têm bolsa reduzida, mas sem direito a alojamento nas residências universitárias e outros ainda que não são bolseiros e cujos estudos são custeados por algum membro da família. É por este motivo que, para os estudantes, o bairro Polana Caniço “A” é conhecido por “residência universitária número 10”.

Foi com este universo de estudantes e ex-estudantes da UEM que realizei o trabalho de campo, durante 3 meses, entre os meses de Maio á Agosto. Durante a pesquisa ouvi várias vezes as pessoas a usar expressões como “bolada” “Phandar”, “mexer dedos”, “ways” e “emprego”. Portanto, estas expressões criaram em mim uma curiosidade de quer compreender esses termos e como se associa no dia-a-dia dos meus colegas da Faculdade, dos recém-graduados na UEM e outras pessoas da sua idade com quem convivem e habitam no Bairro da Polana Caniço “A”. Nessa estadia no campo descobri um grupo de jovens designado “boy-boy”. Este grupo tinha como objectivos: procurar novas iniciativas e oportunidades para os seus membros, incentivar cada membro do grupo a desenvolver suas actividades e procurar oportunidades. O termo comum usado para descrever as suas actividades é “bolada” ou “boladas”. Depois de eu ter conhecimento do grupo, seus membros e as actividades que os mesmos desenvolvem no seu dia-a-dia, fui aprofundando o meu conhecimento seguindo as suas rotinas.

Deste modo, estes estudantes e graduados da UEM fixam suas residências no bairro Polana Caniço enquanto procuram e esperam uma oportunidade de emprego e no seu dia-a-dia

desenvolvem outras actividades e conta própria. Apoiando-me nas ideias de Honwana (2014), no seu estudo sobre “Juventude, “*Waithood*” e Protestos Sociais em África”, onde argumenta que os jovens que não conseguem entrar no emprego depois da sua formação ficam na fase de “*Waithood*”, que é na fase de espera. Neste estudo, a autora define juventude como uma categoria socialmente construída baseada em expectativas sociais e responsabilidades individuais (Honwana 2014).

Estas práticas oferecem aos estudantes e graduados uma outra criatividade, diferente daquela que tiveram durante a sua formação. De acordo com Campos (2009), no seu estudo sobre “Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti”, o graffiti oferecia para os jovens uma visibilidade urbana, através da sua criatividade simbólica, processo através do qual se engendravam significados recorrendo a diferentes estratégias e matérias no seu quotidiano.

Deste modo, este estudo parte desse pressuposto de que a saída dos estudantes e graduados nas residências universitárias da UEM quando vão morar no bairro da Polana Caniço, constitui uma precária vulnerabilidade e gestão de expectativas sobre o emprego, que tende a se prolongar por um período muito longo. Enquanto esperam, vão desenvolvendo outras actividades para o seu sustento diário. Nesta ordem de ideias, a juventude representa uma adolescência prolongada ou uma demora involuntária em alcançar o estado adulto, um período durante o qual os jovens não conseguiam encontrar emprego, tomar conta de se próprio e cuidar das suas famílias.

Honwana (2014) argumenta ainda que as transições da juventude à idade adulta tornam-se tão incertas devido à falta de emprego para garantir a autonomia financeira, e estes jovens vem-se obrigados a improvisar formas de subsistência e relações inter-pessoais fora das suas expectativas.

Baseando-me nos contributos dados através dos quadros teóricos pela antropologia urbana, pretendo compreender as dinâmicas locais vividas pelos estudantes e graduados da UEM que vão residir no bairro da Polana caniço “A”, explorando o significado da vida na cidade para estes jovens, o ser boy-boy e as rotinas e trajectórias diárias dos jovens.

A partir dos debates na antropologia urbana, encaro a cidade como fruto das práticas diárias, das manifestações culturais da vida urbana, práticas essas que transformam as cidades através dos arranjos sociais dos seus habitantes (cf. Castells 1983; Low 1997; da Costa 2011 e Silva

& Carade 2018). Neste sentido, através dessas práticas, é possível compreender que a cidade é resultado do trabalho que as pessoas exercem nesse mesmo espaço. “A cidade é resultado das manifestações culturais e sociopolíticas da vida urbana e práticas diárias” e também oferece uma posição importante para criticar a “nova ordem mundial” (Low 1997: 403). Na mesma linha de pensamento, Castells explica que “a cidade é a projecção da sociedade no espaço (Castells 1983:138), sendo também “um sistema de trocas entre diferentes sectores que ocupam um lugar e preenche uma função determinada onde cada sector contribui para o funcionamento interno da cidade” (ibid. 146).

Deste modo, através do trabalho de campo intenso e a proximidade dos meus colegas e amigos moradores deste bairro, foi possível descrever, neste trabalho, o significado atribuído ao termo bolada, à vida na cidade e as experiências individuais sobre a procura de emprego e das actividades por eles praticadas.

Este trabalho apresenta a seguinte estrutura: após a introdução segue o capítulo 2, da metodologia. Neste capítulo começo por apresentar as fases que a pesquisa decorreu e as respectivas actividades, em seguida apresento as técnicas de análise de dados, segue o contexto de pesquisa e, por fim, os constrangimentos que tive durante a pesquisa. No terceiro capítulo analiso as rotinas diárias dos jovens e as actividades que os mesmos realizam, quando deixam de residir na residência para Polana Caniço. O capítulo seguinte, apresento as trajetórias e experiências dos estudantes da UEM residentes no bairro Polana Caniço; por fim apresento de forma sintética a tese do trabalho e os respectivos argumentos.

## **Capítulo 2. Metodologia**

A pesquisa que deu origem a esta monografia durou cerca de 10 meses, distribuídos em três fases nomeadamente: A primeira fase, que é a fase exploratória, constituída por revisão de literatura, entre os meses de Fevereiro a Abril de 2021. Nesta ordem de ideias, fiz a revisão dos artigos, e livros, livros de colectâneas, monografias e teses, estas matérias tive acesso na biblioteca *online* da UEM, *google académico* e outros materiais que fui fornecido pelo meu supervisor. Na segunda fase realizei o trabalho de campo em três meses a partir do mês de Maio até o mês de Agosto de 2021. Esta fase incluía três modalidades, nomeadamente, a observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas. Comecei por fazer observação durante os dias de semana, durante os quais mantive conversas informais e entrevistei estudantes, graduados e moradores deste bairro. A terceira fase é a análise de dados realizei num período de três meses a partir do mês de Setembro até mês de Novembro.

Com base no método de trabalho de campo é possível estudar cada sociedade no seu próprio contexto. Tal como explica Wielewicki (2001), cada sociedade ou cultura deve ser estudada de acordo com seus costumes, valores culturais, emoções, sistemas simbólicos, de forma particular e específico. Cada situação investigada deve ser compreendida em seus próprios termos e da perspectiva de seus participantes, segundo o princípio émico.

Durante o trabalho de campo usei seguintes técnicas: observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas informais e grupos focais. Para Calado (2015), a pesquisa etnográfica insere-se na ideia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares e a mesma pesquisa exige um mergulho em profundidade. Na realização do trabalho antropológico o pesquisador olha, ouve e escreve o que acontece no campo de pesquisa (Oliveira 2006: 18).

### **2.1. Observação Participante**

A observação participante (Quivy e Campenhoudt 1992 e Velho 2003) permitiu vivenciar no dia-a-dia dos jovens moradores da Polana Caniço “A”, e descrever as suas experiências em relação à procura de emprego. Auxiliado nas ideias de Malinowski “ser um dentre eles”, “apreender o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, compreender sua visão do seu mundo” (Malinowski 1975: 60-61), compõem o modelo ideal de uma etnografia. Pois assim foi possível observar o processo de construção simbólica da categoria juventude, os

significados atribuídos à categoria cidade e também a forma que os mesmos vivenciam a busca de meios de sustento.

O acesso aos estudantes e graduados da UEM foi feito com base na aproximação que eu tinha com os meus amigos e colegas que viviam no bairro da Polana Caniço “A”, e com base desses informantes tive acesso a outros informantes que eu não conhecia antes (amigos, colegas da faculdade e meus conterrâneos). No entanto, também tivemos acesso a outros informantes com base na técnica de bola de neve, isto é, depois de falar com um informante este indicava outras pessoas que estariam dispostas a partilhar suas experiências sobre a prática de bolada neste bairro.

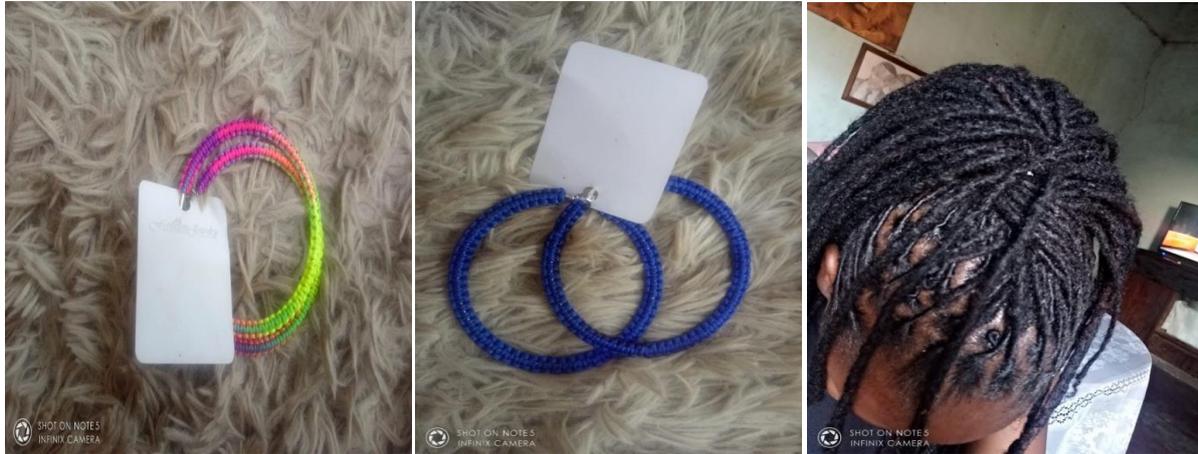
A observação participante consistiu no acompanhamento das trajetórias de meus colegas da Faculdade e recém-graduados da Universidade Eduardo Mondlane que residem e realizam suas actividades no bairro da Polana Caniço “A”, com idades compreendidas entre 19 e 32. Tanto os meus colegas assim como os antigos estudantes praticam diversas actividades como venda de telefone, sapatos, computadores, máquinas fotográficas, casas, acessórios de telefone e não só, mas também fazem prestação de serviços tais como lavagem de viaturas, electricidade, mecânica, pintura e canalização.

Acompanhei as suas rotinas diárias, às vezes ia acompanhar um amigo e colega da faculdade quando ele ia fazer o seu trabalho como electricista numa casa que se localizava neste bairro, outras vezes ia acompanhar Eliseu na baixa da cidade onde faz o seu trabalho de lavagem de viaturas acompanhei outro colega da faculdade no seu trabalho de pintor, e com o Alberto asco fui comparar e vender sapatos. Para além de esses lugares, permitiu-me também acompanhar as conversas nas casas onde esses jovens viviam principalmente nos finais de semana.

## **2.2. Conversas informais**

As conversas informais foram realizadas com jovens que no seu dia-a-dia realizavam suas actividades de venda e prestação de pequenos serviços. As conversas informais eram feitas em torna da sombra de uma árvore próximo da minha residência, onde normalmente os vizinhos se encontram para conversas. Sendo eu também vizinho, usei estes encontros para provocar conversa em torno da temática da minha pesquisa. Em outros momentos as conversas aconteceram em minha casa, nas casas dos meus amigos e colegas. Nas conversas

explorava as experiências sobre o acesso ao emprego e das actividades que eles desenvolvem no seu quotidiano, como se pode ver nas imagens abaixo:



**Figura1:** Agnes produções (Imagem: Autor, Julho de 2021).

Depois das conversas informais, elaborei guião de entrevistas para fechar as lacunas obtidas na observação, conversas informais e grupos focais. Nas entrevistas procurei saber sobre as histórias de vida dos participantes, isso incluía a sua formação académica, a suas trajectórias na busca de emprego e trabalho e as principais actividades que os praticam como resposta da falta de emprego. Nesta ordem de ideias, na falta de emprego os participantes de pesquisa desenvolvem as actividades fruto de sua criatividade e inovação, como resposta das políticas públicas sobre o acesso ao emprego.

### **2.3. Grupos focais**

Esta técnica usei para colher informações dentro de um grupo de seis (6) participantes de pesquisa. Nesta ordem de ideias, colhia informações nos sábados e domingos em dois períodos, período de manhã a partir das 9 horas até às 11 horas e no período de tarde a partir das 14 horas até às 16 horas.

Grupo focal surge para preencher as lacunas que tive durante a minha observação. Assim, todos os sábados e domingos eram dias que os meus participantes de consertavam na casa de Beto, no bairro da Polana Caniço “A”, onde conversavam sobre a forma como os seus negócios e trabalhos, cada um partilhavam suas experiências e procuravam novas táticas, estratégias e novas oportunidades de negócios. Deste modo, enquanto eles conversavam,

debatiam, trocavam suas experiências, eu aproveitava esse tempo para colher meus dados usando a técnica de grupo focal.

Assim sendo, antes de nos se encontrar eu organizava um tema ou assunto para que novo que nos se encontrávamos eu apresentava e cada um partilhava suas experiências sobre o trabalho que ele fazia. Neste debate, às vezes os participantes concordavam, às vezes não, mas, apesar disso todos partilhavam o mesmo universo que era a prática de bolada ou negócio e prestação de serviços e todos eram moradores deste no bairro da Polana Caniço “A”.

Com base nesta técnica, foi possível perceber as experiências individuais sobre o acesso ao emprego, às actividades que as mesmas praticavam no seu dia-a-dia em nome das políticas de emprego. Nesta ordem de ideias, devido à falta de emprego e oportunidades de emprego, eles procuravam novas formas de viver da cidade, transformaram as suas vidas em um “empreendedor”, um “faz tudo” que necessitava mexer dedos, juventude de iniciativas próprias.

De modo geral, a técnica de grupo focal era relevante para a minha pesquisa, porque trazia debates abertos e isso permitia qualquer em grupo cada um partilhar sua experiência. Com base nestas experiências foi possível compreender as várias posições de todas as pessoas e a partir delas compreendi e desenvolvia a minha pesquisa.

#### **2.4. Entrevistas semiestruturadas**

Realizei entrevistas semiestruturadas aos moradores do bairro da Polana Caniço, nos seus locais de trabalho enquanto eles faziam seus negócios “A” em diversos lugares da Baixa da Cidade de Maputo, no mercado Compone, Xiquelenee Polana Caniço. Nesta ordem de ideias eu realizei entrevistas de segunda a sexta-feira, no período entre as 9 horas e às 15 horas, consoante a disponibilidade dos participantes. Esta técnica surge para esclarecer algumas dúvidas que tive nas minhas conversas e observações, antes de realizar as entrevistas organizei um assunto ou tema, mas quando estava com os meus participantes surgiam outros assuntos e debates relevantes que eu não havia pensado antes da realização das entrevistas, e isso foi importante para o esclarecimento específico e respostas específicas.

Para ter acesso às entrevistas e conversas informais algumas pessoas me pediam algo em troca como é o caso de dois (2) litros de coca-cola. Durante o trabalho de campo, eu comprava e sentávamos numa árvore da minha casa, outros dias em casa de Benedito. A

Coca-cola era exigida por mulheres enquanto os homens me pediam cerveja 2M ou txilar, segundo eles poderiam me dar o tempo de eu conversar com eles, mas também tinha aquelas pessoas que me exigiam para eu incluir o seu nome no meu trabalho como participantes de pesquisa. Nesta ordem de ideias, isso constituía uma das minhas limitações durante a minha recolha dados. Para as entrevistas semiestruturadas elaborou-se um guião de entrevistas e de outro guião de observação que auxiliaram na recolha de dados. Os dados recolhidos foram registados num diário de campo e no fim do dia eram digitados num computador, de modo a facilitar a verificação do que havia sido recolhido e planificado nas próximas entrevistas.

## **2.5. O contexto de pesquisa**

A presente pesquisa decorreu no bairro da Polana Caniço “A”, da Cidade de Maputo. O bairro localiza-se na cidade de Maputo no distrito municipal KaMaxakene. Este distrito Municipal é composto pelos bairros da Mafalala, Maxaquene “A”, “B”, “C” e “D”, O distrito Municipal KaMavota é composto pelos bairros Albazine, Costa do Sol, FPLM, Ferroviário, Hulene “A” e “B”, Laulane, Mavota, 3 de Fevereiro e Mavalane “A” e “B” e o próprio Polana Caniço “A” e “B”. Segundo o Anuário Estatístico (2010), o município de Maputo possuía em 2017 população de cerca de 1101170 habitantes dos quais 529,510 eram homens e 571,660 mulheres.

O bairro da Polana Caniço “A” surge a partir da ocupação espontânea da terra por parte da população, a volta da área central, que durante a vigência do sistema colonial, teve de migrar das áreas rurais para este centro urbano. A busca pelas melhores condições de trabalho e salariais, que serviam para o cumprimento das obrigações estipuladas pelo governo colonial, constituiu um dos motivos do êxodo rural e um dos factores que contribuiu para a consolidação deste espaço habitacional (da Silva 2011e Loforte 1984). A estrutura administrativa da Polana Caniço “A” foi formada depois da independência de Moçambique em 1975. A mesma é composta por uma secretária do bairro, chefes de quarteirões e das 10 casas (da Silva 2011).

Eu escolhi a fazer pesquisa neste bairro da Polana Caniço “A” por ser um dos bairros escolhido para morar muitos jovens após a sua formação em particular da Universidade Eduardo Mondlane. O bairro situa-se a Sul pelo campus da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), a este pela Avenida Vladimir Lenine e a oeste pela Avenida Julius Nyerere. A população deste bairro procura por meio de ocupações, invasões ou transacções no mercado

informal providenciar as condições necessárias para se assentar e garantir o seu sustento (da Costa 2003). Nesta ordem de ideias, as intervenções de ordenamento realizadas em 1976, que abrangeram o bairro Polana Caniço “A”, tiveram pouco êxito devido aos intensos fluxos migratórios campo-cidade que resultaram no adensamento da periferia (da Silva 2011 e da Costa 2003). O comércio constitui a principal actividade económica e fonte de renda da maioria dos habitantes daquele centro urbano.

Alguns estudantes que morram neste bairro são aqueles que tinham bolsa de estudo da Universidade, que lhes permitia morar nas residências universitárias, mas depois de perder a bolsa automaticamente perderam o direito de morar nas residências. Nesta ordem de ideias, esses escolhem o bairro para morar, enquanto estudam e exercem suas actividades como forma de pagar renda e para garantir o seu sustento.

## **2.6. Constrangimentos durante a pesquisa**

A conversa em “grupos focais” com os membros desse grupo era feita apenas sábados e domingo, porque os outros dias de semanas eles não tinham tempo de conversar comigo devido a suas actividades diárias de “bolada”.

Todos os entrevistados se manifestavam disponíveis para participar no estudo. Apesar da disponibilidade, devido as restrições das medidas da COVID-19 outras observações eram limitadas principalmente para aquelas pessoas que eu não lhes conhecia. Às vezes eu ia acompanhar um dos participantes de pesquisa a fazer pintura de uma casa neste bairro, mas quando chegamos lá o proprietário de casa disse que só poderia entrar uma pessoa por causa das restrições segundo ele, e isso constituía um dos obstáculos da minha pesquisa.

### **Capítulo 3. Da residência Universitária ao bairro Polana Caniço**

Neste capítulo analiso as rotinas e trajetórias diárias dos jovens e apresento as actividades que os mesmos fazem como fazem porque fazem. Nesta ordem de ideias descrevo a trajetória e rotinas diárias de três (3) colegas e amigos, ao descrevê-los estarei a analisar o jovem “boy-boy”.

Tudo começou quando estes eram estudantes e moradores da Residência Universitária Estudantil da UEM, que se localizava no campus principal. Apesar destes terem ingressado na UEM em anos diferentes, e passaram a ser amigos quando frequentavam no Bar de Alzira que se localiza no bairro de Maxaquene. Foi no Bar de Alzira onde esses passaram a frequentar, nos fins de semana estou a falar de sexta feira, sábado e domingo.

Neste contexto, Lourinho ingressou na UEM no ano 2016 no curso de Antropologia, foi Bolseiro durante 4º anos, ocupou o quarto 01 da Residência Universitária Estudantil Nº 9 depois de concluir o 4º ficou mais seis meses na residência depois recebeu uma carta vinda da Direcção dos Serviços Sociais, para pedir que se retire na residência e se quisesse ficar poderia fazer por escrito.

Lourinho decidiu ir morar fora da residência, e optou por ir morar no bairro da Polana Caniço “A”, porque por um lado era o seu local de trabalho como electricista e como electrotécnico, e por ter muitos amigos que moravam neste bairro por outro. Deste modo desde o ano em que Lourinho foi morar no bairro da Polana Caniço “A” trabalha como electricista. Antes ser electricista concorreu para o emprego várias vezes e não conseguiu entrar devido à falta de anos de experiência e costas quentes ou *ways*, consequentemente acabou por transformar as suas competências em um electricista. Posso dizer que o trabalho de electricista é o fruto de falta de emprego, esse trabalho lhe permite a custear suas necessidades como renda, água, alimentação e txilar.

Nos primeiros meses de trabalho, quando Lourinho foi habitar neste bairro, sempre andava com o seu caderno de anotações sobre electricidade, porque ele não tinha trabalhado como electricista e muito menos estudar essa área, mas aprendeu através do vídeo *youtube*. O grupo “boy-boy” lhe permite conseguir arranjar bolada, isso faz com que ele desenvolve suas actividades como electricista.

Eliseu ingressou na UEM em 2015 no curso de Ciências Políticas, foi bolseiro durante três (3) anos, ocupou o quarto número 011 da Residência Universitária Estudantil Nº 9, e depois mudou para Residência Universitária Estudantil número 025 era um quarto provisório, isso foi depois dele ter perdido a sua bolsa de estudos. Portanto, foi a partir daí que pensou de sair para fora da residência, porque já não tinha direito e nem condições como dinheiro para pagar propinas da faculdade, alimentação, vestuário, ir beber e convívio com os amigos. Nesta ordem de ideias, Eliseu saiu da residência foi habitar no bairro da Polana Caniço “A”, enquanto era estudante ia fazer trabalho de lavagem de viaturas, nos fins de semana e nos dias que não ia à faculdade, fazia o seu de forma sazonal.

Deste modo, Eliseu quando concluiu o seu curso de Ciências Políticas, concorreu em várias organizações e instituições para o emprego, mas não conseguiu entrar no seu emprego de sonho. A partir daí acabou transformar o seu trabalho de lavagem de viaturas como o seu trabalho principal e para além de trabalhar de forma sazonal acabou sendo um trabalho a tempo inteiro, e alargou os locais de trabalho como na baixa da cidade de Maputo.

Foi neste contexto que fez com que Eliseu tornou um jovem que faz trabalho de prestação de serviços, neste bairro da periferia da cidade de Maputo, e durante a sua trajectória diárias neste bairro conheceu Vladimiro que faz trabalho de vender sapatos e conheceu também Lazaro que faz trabalho de electricista.

Esses três amigos e colegas se conheceram como colegas quando moravam na mesma residência e como amigos no Bar de Alzira, enquanto estudantes e actualmente como jovens boy-boy, jovens com iniciativas individuais, jovens de boladas.

Vladimiro ingressou na UEM em 2013 no curso de Economia, foi bolseiro durante 4º anos, ocupou o quarto Nº 8 da Residência Universitária Estudantil Nº 9, depois de concluiu o 4º ano, foi concorrer para vaga de emprego no Município da Cidade de Maputo, no IESE, no INE, não consegui entrar. Enquanto ele concorria faz trabalho de vender sapatos, enquanto morava na residência, mas isso foi prolongando e não tinha um rendimento suficiente para pagar renda, decidiu ir morar no bairro da Polana Caniço “A”. A sua saída para ir morar neste bairro foi influenciado com seus amigos quando ele ia beber no Bar de Alzira.

Nesta ordem de ideias, durante esse período de desemprego ficou confirmado que o emprego não existe para ele, foi quando começou a praticar bolada de vender sapatos e esse trabalho foi se desenvolvendo na medida em que ele foi morar no Polana Caniço “A”. Vladimiro

vende sapatos porta a porta não tem lugar fixo de exercer suas actividades muitos clientes conseguem nos Bares, restaurantes e nos outros locais onde ele bebe.

A escolha desses participantes de pesquisa foi porque por um lado são pessoas estão na fase de espera entre a formação e o emprego e nessa fase de espera desenvolvem varias actividades de contra própria ou de iniciativa individual. Esses jovens são consideram-se jovens “boy-boy”, no sentido de ser desafiador, um faz-tudo, além disso, são jovens que concluíram a sua formação e não conseguiram o seu emprego de sonho.

Por outro lado, são jovens que na sua trajectória diária procuram novas iniciativas, dinâmicas, inovações, estratégias e, sobretudo as táticas. Apesar desses jovens não terem o emprego do seu sonho não se considera “jovens de geração perdida” por que no seu dia-a-dia procuram outras formas de suprir as suas necessidades dias como é o caso de prática de bolada no bairro da Polana Caniço “A”.

## **Capítulo 4. Ser “Boy-boy” no bairro Polana-Caniço**

Neste capítulo apresento as trajetórias e as experiências dos estudantes da UEM enquanto Moradores do Polana Caniço. Neste sentido, analiso as dinâmicas locais e suas identidades nestes espaços urbanos, não só, mas também as actividades que os mesmos desenvolvem nesse tempo de espera, que acabam de transformando na fase de chegada.

### **4.1. Origem e significado de ser “Boy-boy”**

A ocupação de espaços urbanos nos bairros da periferia urbana da Cidade de Maputo, nas últimas décadas tem-se verificado uma nova dinâmica e identidades. Estes espaços são caracterizados por trajetórias dos estudantes e ex-estudantes da UEM, que no seu dia-a-dia praticam diversas actividades assim sendo a vida da cidade passa a ser um lugar de várias heterogeneidades.

A cidade é tida como sinónimo de lugar batalhador, desafiador, onde se arrisca e onde alguém se pode perder. O que caracteriza a cidade são as práticas, actividades que as pessoas desenvolvem no seu dia-a-dia, neste caso, “cidade como um lugar de praticas” (cf. Fernandes & Araújo 2012; Campos 2009; da Costa 2003e Silva & Carade 2018). Fernandes & Araújo (2012) afirmaram que o trabalho informal exige iniciativa, o indivíduo tem de defender o seu próprio interesse, porque ninguém o faz por si, porque o trabalho informal assemelhava-se a um profissional liberal.

Este entendimento condiz com o termo “boy-boy”, nome que pertenceu ao pai de Carlito, que assume a posição de chefe de um grupo constituído por 8 jovens, entre eles estudantes e antigos estudantes da UEM. Para além de ser o mais velho, Carlito começou a fazer pequenos trabalhos há muito mais tempo que a maioria dos outros membros, sobretudo os estudantes da UEM. O pai do Carlito era conhecido como vendedor de drogas, para além de ser muito conhecido no bairro. Ao adoptar este nome, eles transmitiram a ideia de se tratar uma pessoa corajosa e arriscada. Neste contexto, para aqueles jovens que usam este nome, o termo “boy-boy” descreve “homem que é homem”, “desafiador”, “arriscado”, “um faz-tudo” e “aquele que usa a tática”, “manipulador” e “mentiroso”. Contudo, além desses significados, o termo “boy-boy” representa “jovens com iniciativa individual ou de conta própria”.

O termo “boy-boy” é usado em vários sentidos e situações durante as trajetórias diárias dos jovens. “boy-boy” como um grupo formado por oito (8) elementos, é usado para descrever jovens que vivem no bairro da Polana Caniço “A”, para partilhar as suas experiências de negócios ou boladas e na procura de novas oportunidades para desenvolver os seus negócios. A partilha de experiências acontece todos os fins de semana nas barracas. Enquanto bebem, cada um fala sobre o balanço de seus negócios durante a semana, desafios e limitações. Também é usado também como uma forma de convívio dos jovens, “para tirar stress de job”, e eles acreditam que nas barracas são locais ideais para conhecer mais pessoas amigos e novos *ways* que lhes ajudam no sucesso de seus trabalhos. Além disso, o “boy-boy” representa jovens que acreditam que não existe emprego, oportunidades de emprego e nem uma política pública que os protege.

Para os membros do grupo, o “boy-boy” é usado para publicar os negócios, venda de serviços que cada um faz no seu quotidiano. A publicação é feita com recurso as redes sociais como *Whatsapp* e *Facebook* e através dessas redes representam sucesso na vida dos jovens. O “boy-boy” não é só usado no sentido de trabalho, negócios ou bolada, partilha de experiências, ajuda financeira e convívio nos bares, mas também para assistência médica dos mesmos, ou seja, quando alguém ficar doente dão-lhe assistência. O jovem “boy-boy” é aquele que sempre a *phandar*, desafia a vida, aquele jovem que faz de tudo o que for possível no seu dia-a-dia.

Jovem “boy-boy” é um vendedor e um comprador ou aquele que presta serviços, é também um intermediário, no sentido de que, quando alguém quer vender ou comprar um determinado produto, terreno ou qualquer material e equipamentos, conseguem fazer a intermediação no mercado das boladas, é a pessoa que intermédia entre o comprador e o vendedor, “bolador”.

De modo geral, neste capítulo vimos que, a estabilidade social e económica não pode ser vista apenas pelo nível educacional atingido e pela carreira profissional. A visão de mundo e os estilos de vida são fundamentais para compreender as opções realizadas nesse momento de vida, e implicam a inserção de cada um dos jovens nos diferentes mundos sociais e em diferentes redes, como é o caso da “boladas”.

O significado de ser jovem compreende padrões estéticos, valorização de determinadas experiências de vida e códigos de comportamento. Portanto, enquanto estes jovens procuram

suas actividades diárias constroem outros padrões de vida, novos códigos de comportamento, que lhes permite a fazer outra leitura sobre o mundo na cidade.

As incertezas do mundo do trabalho levam à dissociação entre a autonomia existencial e a independência social e económica próprias desse movimento de transição para a idade adulta. O ser “boy-boy” faz com que estes estudantes e graduados da UEM outro tipo de estilos de vida, através dos papéis e deveres de acordo com a vida que eles levam na cidade. As idades deixam de ser entendidas apenas como as referências cronológicas, passam a ser apreendido como etapas que definem estilos e modo de vida.

#### **4.2. “Boy-Boy”: lugar de espera ou de chegada?**

Os estudantes e ex-estudantes da UEM estão duramente confrontados com as dificuldades, senão impossibilidade, em obter um emprego formal e docente, o que sempre era sua expectativa, devido essas dificuldades acabam ficando na fase de espera. Esta situação é tanto mais preocupante, porque estes precisam dominar mais os seus conhecimentos o saber e o saber-fazer para-se poder construir um futuro promissor da sua vida, além das competências que os mesmos adquiriram enquanto estudantes da UEM.

Apesar destes estudantes e recém-graduados não conseguirem o projecto de seus sonhos, formação-emprego, não se consideram como uma “geração perdida”. Tal como explica Honwana (2014) os jovens envolvem-se em movimentos de protestos sociais, com vista a lutar pelo problema de desemprego, através desses movimentos buscam mudanças sociais e soluções para os problemas que enfrentavam como uma geração de *Waithood*, colocando desafios inovadores na realidade sociopolítica. Nestas pessoas enquanto, ficam nessa fase de espera, procuram um espaço e oportunidade para viver o seu tempo, munido de condições suficientes tanto para exercer suas actividades diárias. Como por exemplo, Agnes afirma:

Nos primeiros dias comecei como brincadeira fui à loja comprei brincos só que quando eu usava comecei a imaginar que tal se tivesse cores para combinar com minhas sapatilhas, porque eu tinha sapatilhas cor branca e quando eu usava não tinha uma cor para combinar e pensei em comprar (linha, agulha e missangas), quando cheguei em casa Txunei os meus brincos e chinelos.

Os estudantes e ex-estudantes da UEM, alguns transformam o momento de espera a num projecto de vida, Velho (1994), uma nação que traduz “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”, tornando-se uma antecipação da futura trajetória e biografia do sujeito. Dado o seu potencial de metamorfose (Velho 1994), Agnes alterou projetos ao longo

de sua trajetória, negociando sua realidade, contemplada por outros projetos, dela e do grupo. Como podemos ver a imagem abaixo.



**Figura 2:** Agnes produções (imagem: Januário Sarcuchepa. Julho de 2021).

Essas pessoas tinham uma expectativa de ter um emprego do seu sonho, mas devido à falta de acesso ao emprego acabam dedicando a sua vida em um jovem empreendedor. Deste modo, esta fase acaba se transformando em fase de chegada, devido o longo período de incerteza.

Os estudantes e ex-estudantes desenvolvem suas atividades com base nas amizades e as relações que eles constroem no seu cotidiano e com isso vão adquirindo novas competências. Essas amizades são construídas durante suas trajetórias diárias e que são relevantes, pois ajudam a procurar novas iniciativas individuais ou coletivas.

O papel das qualificações escolares já não é visto como um meio eficaz para o acesso ao emprego para os estudantes e graduados da UEM, porque após a sua formação são exigidos muitos anos de experiências que eles não possuem e, conseqüentemente, constroem outro tipo de competências eficazes que os “ways, costas quentes e amizades” não só para o acesso ao emprego, mas também para desenvolver suas atividades diárias. Portanto, devido a essa dificuldade, as pessoas tentam outras práticas como veladores de viaturas, mecânica, electricista entre outras atividades. Eles praticavam outras atividades como a venda de roupa, acessórios de telefone, venda de comida das praças da cidade.

Entrar nestas atividades passa por possuir capital inicial, ou obter produtos necessários para a venda. As práticas de poupança “Tchitique”, trabalhar como ajudante de um mestre em serviços de carpintaria, electricidade ou vender produtos de outras pessoas são algumas experiências percorridas por estes jovens. Tal como Agnes explica:

Eu vendia na baixa, mas quando nos giraram passei a vender aqui em casa (roupa, pão, chinelos, sandálias e faço bolos por encomenda). Isso de fazer brincos e sandálias descobri agora, ninguém sabe dessa tática mano.

No desenvolvimento de suas actividades diárias os estudantes e ex-estudantes descobrem e constroem suas competências e talentos que antes não tinham, ou seja, essas actividades despertam-lhes outro modo de vida de inovar, inventar, sacrificar e enfrentar as coisas. Portanto, essas actividades não só tem benefício económico e social, mas também profissional no sentido de que lhes permitem construir outras competências, além daqueles que já construíram quando estudantes.

De acordo com Silva & Carade (2018), os jovens procuraram novas demandas sociais para construção da sua visibilidade e para ter direito à cidades baseadas em competências criativas. A mesma ideia foi defendida por Pimentel (2012), no seu estudo sobre sentidos e significados de práticas juvenis em um bairro da cidade de Salvador. Neste estudo o autor mostra que a tática de sobrevivência não é uma tarefa fácil de “dar um jeito” suprir a fome, ao contrário, significava lidar com a existência destas situações e procurar sentidos e significados.

As relações de amizade são vistas como requisitos que lhes permite desenvolver suas actividades e acesso a outras práticas, porque através delas os estudantes e ex-estudantes procuram novas iniciativas e oportunidade de negócios para o seu sustento. Deste modo, viver na cidade é preciso criar redes de relações sociais e procurar o que as pessoas gostam, por exemplo, Melany faz negócio de bolo, mesmo com Covid-19 ela consegue encomendas isso devido suas amigas que ela construiu. Neste sentido, as relações que constroem no seu quotidiano tornam-se importantes no acesso aos clientes e na prestação de serviços que os mesmos fazem.

É o caso das conversas entre os membros do grupo “boy-boy”, visto como espaço de troca de experiência, as dificuldades de seus negócios. Tal como Melany disse:

Desde que eu entrei no grupo “boy-boy a minha maneira de pensar mudou muito, cresceu bastante, tenho idade de uma jovem inovadora, uma jovem que sempre Mpanda, desafia a vida tudo isso graça a encontros que temos tidos com os membros do grupo nos finais de semanas no Bar de Dalito, aqui na Polana Caniço nós trocamos nossas experiências sobre boladas, dificuldades e ultrapassar dessa limitação e procuramos novos ways.

É neste lugar de debate que eles trocam suas experiências e exploram novas oportunidades para o desenvolvimento de seus projectos de negócios, como podemos ver as imagens a baixo, que reflectem a produção de Melany.



**Figura 3: Bolos, Melany produções** (Imagem:Melany, Julho 2021).

A prestação de serviços é outra vertente usada, por exemplo, Eliseu, Lourinho e Vladimiro. Tanto as pessoas que fazem tranças, bolos, como aqueles que fazem prestação de serviços buscam o conhecimento na internet, baixam vídeos sobre o assunto que eles querem fazer e começam a pôr em pratica.

Lourinho por exemplo é proveniente da província de Sofala na Cidade da Beira, veio para Maputo com objetivode estudar na UEM, e quando terminou seus estudos permaneceu em Maputo, na expectativa de encontrar um emprego. Enquanto isso vai prestando serviços como eletricitas, como podemos ver as imagens a seguir.



**Figura4:** Momento de realização de trabalho de electricidade numa casa no Bairro da Polana Caniço. (imagem: Lourinho Niquisse)

O que verifiquei neste universo social, os estudantes e graduados da UEM, é a quebra de expectativas por parte deles, por isso, procuram outras dinâmicas locais, procuram trabalho de conta própria com base de suas iniciativas. Nesta ordem de ideias o bairro da Polana Caniço é palco dessas actividades, porque por um lado localiza-se logo ao lado da do Campus principal da UEM, isso facilita a trajetória dos estudantes de casa á faculdade, e por outro lado este bairro caracteriza-se variedades perfis de pessoas e diversas actividades, que lhes permite a desenvolver seus negócios e prestação de pequenos serviço. Essas actividades são praticadas no período que Honwana (2014) chama de “*Waithood*”, que depois de transforma a fase de chegada, no sentido de essas actividades passam a ser a fonte principal de renda.

## Conclusão

O presente trabalho de fim do curso resulta de uma pesquisa etnográfica entre os estudantes e graduados da UEM que residem no bairro da Polana caniço “A”, também conhecido por residência universitária número10. O trabalho analisou a forma como os recém-graduados e estudantes da UEM ficam nesta fase de espera entre a formação e o emprego.

O trabalho de campo decorreu entre os meses de Maio à Agosto de 2021. A observação participante consistiu no acompanhamento das trajectórias de meus colegas da Faculdade e recém-graduados da Universidade Eduardo Mondlane que residem e realizam suas actividades no bairro da Polana Caniço “A”, com idades compreendidas entre 19 e 32. A partir do trabalho de campo mostro que os estudantes e ex-estudantes da UEM que vão habitar no bairro Polana Caniço “A” são aqueles que na sua maioria tinham bolsas de estudo da Universidade que lhes permitia morar nas residências universitárias, mas depois de perder a bolsa automaticamente perderam o direito de morar nas residências.

De modo geral, um dos motivos que leva os jovens a ir morar neste bairro é a facilidade de desenvolver suas actividades nesta fase de “*Waithood*”. Como podemos ver, uma das características deste bairro são as “boladas” ou negócios e prestação de serviços. Este bairro caracteriza-se por jovens que inovam, inventam, procuram novas dinâmicas de negócios como (boladas) e prestação de serviços (lavagem de viaturas, canalização, mecânica e electricidade). Estas actividades são desenvolvidas por jovens que estão na fase de espera entre a formação e a fase de emprego.

A pesquisa mostrou que estes estudantes, após concluir o seu curso ou enquanto frequentam os seus cursos, transitam para a fase de chegada, porque essas actividades que os mesmos realizam passam a ser as principais actividades para o sustento das suas vidas. Deste modo, devido a essas circunstâncias, acabam dizendo que o emprego não existe o que existem são as “boladas” e a prestação de pequenos serviços.

A fase de espera surge nesta pesquisa como a fase de chegada, caracterizada como uma fase em que os estudantes e graduados da UEM se transformam em “boy-boy”, um faz-tudo, um “batalhador”, aquele que arrisca e um prestador de pequenos serviços. Deste modo, as boladas passam a ser não apenas sinónimo de mexer os dedos, tentar fazer tudo para atingir um fim, ser activo e não dormir, uma vez que as expectativas de acesso ao emprego não são apenas dos estudantes ou graduados da UEM, mas também são dos pais e encarregados de

educação e a sociedade em geral, que se transformam em pressão no sentido de sucesso dos estudantes e dos recém-graduados. Mais ainda, pelo seu envolvimento nestas actividades, eles desenvolvem outras competências, além daquelas que adquiriram quando estudantes, estabelecem redes de relações sociais no seu quotidiano que se tornam importantes no acesso aos clientes e na prestação de serviços. Destas situações eles procuram sentidos e significados da vida (Pimentel 2012).

Como conclusão do trabalho foi possível desenvolver os seguintes argumentos: os estudantes e recém-graduados da UEM, a fase prolongada de espera por um emprego faz com que eles acabem por se transformar em “boy-boy”, que é quando eles procuram novas dinâmicas locais no seu quotidiano; a pesquisa permitiu perceber igualmente que as actividades que eles realizam acabam por se transformar em fase de chegada. Trata-se do momento em que eles têm de desenhar outras lógicas de vida e outros estilos de vida através dessas práticas diárias.

O ser “boy-boy” é um conceito para designar indivíduos que vivem na cidade, responsáveis pelas suas novas centralidades: o homem de negócio, aquele sacrifica a vida, um faz-tudo ou aquele que presta pequenos serviços nestes centros urbanos. Também se refere a estudantes e graduados que imigram para o bairro da Polana Caniço, aquele fica e não tem emprego, aquele que vive na base de bolada/boladas.

## Referências bibliográficas

- Agier, Michel. 2009. “Situações elementares da vida urban”, in Cordeiro, Graça e Frogúlio Jr, Heitor (trad). *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome. pp. 89-99.
- Biza, Adriano Mateus. 2009. “Jovens e Associações em Moçambique: Motivações e dinâmicas actuais”. *Saúde e Sociedade* 18 (3): 382-394.
- Cardoso de Oliveira, Ricardo. 2006. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, in *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP. pp 17-35.
- Calado, Virginia. 2015. “Produção etnográfica e construção do conhecimento científico”. *Antropológicos* (13): 27-47.
- Campos, Ricardo. 2009. “Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti”. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia* 13 (1): 145-170.
- Honwana, Alcinda. 2014. “Juventude, Waithood e Protestos Sociais em África”: In *Luís de Brito et al (org.s) Desafios para Moçambique 2014*. Maputo: IESE.
- Malinowski, B. 1997. “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”. In *Etnologia* 8: 17-37.
- Pimentel, Adriana. 2012. “Sentidos e significados de práticas juvenis em um bairro da cidade de Salvador”. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia* 16 (1): 31-51.
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van. 1992. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Silva, Arménio. 2011. “Dinâmica Socio espacial e Produção Habitacional na Periferia de Maputo-Moçambique a partir da década de 1970: destaque para os bairros Polana caniço “A” e “B”. [Tese de Mestrado em Geografia, Concentração em desenvolvimento Regional e Urbano Não Publicado]. Florianópolis: Universidade Federal da Santa Catarina.
- Velho, Gilberto. 1978. “Observando o Familiar”, in *Nunes, Edson de Oliveira*. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. pp.1-13.

Velho, Gilberto. 1994. “Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas” in *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. pp.11-30.

Velho, Gilberto. 1994. “Trájectoria individual e campo de possibilidade” in *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. pp.31-48.

Wirth, Louis. 1967. “Urbanismo como Modo de Vida”, in *Velho, Otávio. O Fenómeno Urbano*. Rio de Janeiro. pp. 89-112.

Wielewicki, Vera. 2001. “A pesquisa etnográfica como construção discursiva”. *Acta Scientiarum* (23):27-32.